

Câmara de Eco

Se tivermos em conta a preponderância que apresenta no espaço público nos dias que correm o tema da liberdade de expressão, poder-se-ia deduzir que estaria aqui em causa a sobrevivência de uma visão crítica do mundo, presumindo por si só a manutenção de um modo analítico de perceber a realidade e numa construção de conhecimento que imbricaria numa perspetiva construtiva e distanciada dos problemas mais prementes que assolam a modernidade.

Contudo, deixemos por um momento as suposições e olhemos para a realidade. Se os processos de redefinição dos papéis socioculturais dos espaços físicos nos recentes séculos trouxeram um ênfase cada vez maior na residência privada enquanto espaço de vivência e de ocupação por excelência, assistimos nas últimas décadas a uma atomização do tecido social que se assemelharia ao enxame de Byung-Chul Han, a um vasto conjunto de pontos quasi-desconexos que partilham entre si concomitantemente uma vasta anonimidade e transparência. Este espaço privado dá lugar ao espaço virtual, à realidade matizada num ecrã que se mede em centímetros/polegadas e que traz consigo uma promessa sagrada da democratização ao acesso de informação e da partilha de ideias. No final de contas, todas as vozes podem ser ouvidas no espaço social cibernético. Ou será mais uma câmara de eco?

Assiste-se assim a um progressivo entrincheiramento de posições e opiniões que representam uma repressão do outro, simbolizado deste modo por tudo o que não seja a projeção e o reflexo de um empoderado “eu” que deambula por um difuso espaço de fragmentos informativos do qual se apodera e reivindica como seus. O foco nas façanhas da individualidade e no refinar de uma experiência (supõe-se) cada vez mais moldada ao gosto do utilizador das tecnologias tem sido explorado financeiramente pelos atores da *big tech* para sustentar os seus exorbitantemente rentáveis modelos de negócio, modelando os onnipresentes algoritmos para fornecer o que for preciso para subir o *engagement* e os *ad revenues*, num espaço em que todos lutam ferozmente para ter a nossa atenção e relevar um latente estado emocional reativo que é mais potente na sua forma negativa.

Nesse sentido, o espaço de moderação, como qualquer proposta que se pretenda sustentada e equilibrada do panorama atual, vai dando lugar às reações simplistas e simplificadoras que apelam à desconstrução e ao reacionismo. Recuso-me a aceitar que a potencialidade da

cognição humana se possa encerrar num punhado de caracteres ou ícones, ou nas demais representações redutoras da interação humana que se conduz pela visceralidade e pelo questionamento destrutivo das informações com que se depara. É imperativo que se potencie e facilite a criação de espaços em que o debate aberto de ideias possa ser estimulado e a pluralidade deva ser celebrada, ao invés das crescentes correntes identitárias (de ambos os lados do espectro) que se procuram afirmar através da deslegitimação de propostas que não vão ao encontro das suas próprias ideias segregativas. Os espaços por excelência de sociabilização, como os cafés e os infindáveis grupos de redes sociais não são capazes de dar resposta à complexidade que exige a construção de propostas criticamente construídas. Não podemos esperar que na era dos estímulos constantes e da dispersão outra solução para um debate mais “são” não passe senão pela “concentração” em facilitar e valorizar este processo moroso que constitui a “autorreflexão”.

A acreditar no canto do eterno crescimento, a aceleração progressiva e desenfreada dos processos de desintegração social e cultural tornarão uma mudança focada no ser social e participativo como algo cada vez mais premente. Sem debate, e com isto não me refiro à cacofonia nem à retórica fácil de quem nos pretende vender uma narrativa ou pelo menos captar a nossa atenção, não poderemos verdadeiramente sair desta câmara de eco que nos prende a uma lânguida reatividade e uma sensação de distância cada mais inalcançável em relação à classe política. Se deixarmos um grupo a governar por si mesmo, não podemos esperar que o faça por e para nós.

Francisco Esteves